



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU**

KARINNE ROSY FREIRE DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
COMO INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ARAPIRACA
2015**

KARINNE ROSY FREIRE DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
COMO INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para aprovação do Curso Especialização em Alfabetização e Letramento – Pós-Graduação *Latu Sensu*, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL *Campus Arapiraca*.

Orientador: Professor Dr. Jair Barbosa da Silva.

ARAPIRACA
2015

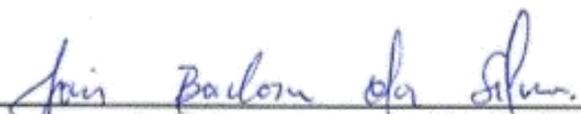
KARINNE ROSY FREIRE DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
COMO INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Corpo Docente do Curso Especialização em
Alfabetização e Letramento – Pós-Graduação Lato
Sensu, da Universidade Federal de Alagoas –
UFAL, *Campus Arapiraca*.

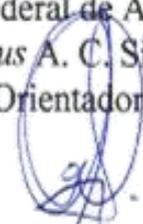
Data de aprovação: 29/08/2015.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva

Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus A. C. Simões
Orientador



Profa. Dra. Luciana Lucente
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca
Examinadora



Profa. Dra. Camila Tavares Leite
Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Campus Santa Mônica
Examinadora

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a alfabetização e letramento na Educação Infantil. A alfabetização sempre esteve relacionada com a preocupação de métodos, o que proporciona por vezes, uma padronização das aprendizagens negando as singularidades e heterogeneidades das crianças. Além dos métodos utilizados para desenvolver a escrita, é importante compreender como a criança constrói seus conceitos sobre a língua escrita e de como desenvolvem a oralidade. Não é preciso como vemos com frequência, avançar no ensino somente da escrita, o que geralmente acontece na escola por meio de exercícios de repetições, preenchimento de letras, treino das sílabas, junção de vogais, ou seja, tarefas de treino de escrita de letras, sílabas e palavras que não constituem atividades de expressão e pensamento. As práticas pedagógicas precisam realizar uma conexão entre o processo de alfabetização das crianças e o mundo real, inserindo-as em um contexto amplo, rico e permeado de múltiplas linguagens, as quais automaticamente as levarão à linguagem escrita. O objetivo deste Artigo é entender que a alfabetização não se dá simplesmente pelo treino das habilidades de "decodificação" e "codificação", mas que existem experiências sociais e culturais que não limitam o mundo infantil. E Para elucidar estas questões, buscou-se o referencial teórico de Rojo (2009), Soares (1998), Ferreiro e Teberosky (1999), Cassiano (2009), Carvalho (2004), Lemle (2009), Coleção Proinfantil módulo IV (2006) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

PALAVRAS CHAVES: Alfabetização, Letramento, Educação Infantil.

ABSTRACT

This work is focused on literacy and literacy in kindergarten. Literacy has always been related to concerns methods, providing sometimes, standardization of learning denying the uniqueness and heterogeneity of children. In addition to the methods used to develop writing, it is important to understand how the child constructs his views on the written language and how to develop speaking skills. No need as we often move in the teaching of writing only, which usually happens in school through repetitions of exercises, filling letters, syllables practice, junction members, namely training tasks writing letters, syllables and words that are not thought expression and activity. Pedagogical practices need to make a connection between the process of literacy of children and the real world, placing them in a broader context, rich and permeate multiple languages, which automatically will lead to the written language. The purpose of this article is to understand that literacy is not simply give the training skills of "decoding" and "coding" but there are social and cultural experiences that do not limit the children's world. E to elucidate these questions, it sought the theoretical framework of Rojo (2009), Soares (1998), Ferreiro and Teberosky (1999), Cassiano (2009), Carvalho (2004), Lemle (2009), Coleção Proinfantil módulo IV (2006) end the Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

Keywords: Literacy. Literacy. Early childhood education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO	07
2 INCENTIVO À LEITURA NA EI	11
3 LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIABIBLIOGRÁFICAS	18

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é sempre um assunto interessante de se discutir e nos chama a atenção de como esta modalidade é vista pelos professores alfabetizadores. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação_ LDB, defina a Educação Infantil como "primeira etapa da educação básica" (artigo 29) e delegue a ela a finalidade de "desenvolvimento integral da criança", até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, no entanto, o que acontece é que quase sempre o professor da Educação Infantil preocupa-se bem mais com o desenvolvimento da escrita da criança, deixando a desejar em outros aspectos.

Na escola pública, por exemplo, defende-se que essa prática é séria demais para a Educação Infantil, e que os pequenos merecem exercer seu direito de aprender brincando. O inverso acontece nas instituições particulares, que defendem a alfabetização nessa faixa etária. Mas, entre a proibição e a obrigação, existe uma criança que explora o mundo da escrita e pensa ativamente sobre ela. A resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil onde orientam a "articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de criança de 0 a 5 anos de idade."

A verdade, é que desde muito novas elas tem acesso à linguagem escrita em seu dia a dia e aos 4 e 5 anos veem bilhete na geladeira, reconhecem os produtos na prateleira do supermercado, os nomes dos programas na televisão, as placas de sinalização e entre outros, o que na verdade se chama práticas de letramento. A escrita está sim por toda parte, mas o que surpreende é a visão de que a pré-escola é apenas uma etapa preparatória do Ensino Fundamental, que privilegia treinamentos mecânicos como o desenho das letras, atividades de coordenação motora e exercícios de cópia, essas práticas pedagógicas ignoram a qualidade da comunicação e raciocínio das crianças.

Para favorecer o desenvolvimento dos pequenos, vale a pena ensinar a usar as letras em situações reais de leitura e escrita, propiciar momentos de reflexão sobre elas, conversar e promover a relação com palavras e partes de palavras conhecidas, como os nomes de amigos, parentes ou os títulos de histórias, assim como também, os seus próprios nomes, ou seja, tem que fazer uso do mundo letrado em que a criança já vive. O professor deve dar todas as condições para que a sala pense sobre como se escreve e para que se escreve.

O principal objetivo deste trabalho é mostrar através de uma reflexão de como podemos favorecer o desenvolvimento da leitura e escrita, sem que prejudique a aprendizagem lúdica que as crianças de 04 a 05 anos devem ter. Nesse sentido, foi buscado embasamento teórico para explicar que alfabetização e letramento já ocorrem normalmente com as crianças da Educação Infantil. Para tanto, o artigo encontra-se dividido nas seguintes seções: Letramento e Alfabetização; Incentivo à leitura na EI; Letramento na Educação Infantil; Considerações finais e Referências.

1 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Letramento é uma palavra introduzida na linguagem da Educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Embora distintos, alfabetização e letramento, são interdependentes e indissociáveis. Atualmente, a escola se vê diante de dois importantes desafios, de um lado persiste a necessidade de conservar os conhecimentos tradicionais, e do outro, a imposição do avanço no campo científico, técnico e social, exigindo que a escola dê meios à criança para desenvolver as habilidades necessárias para a sua futura vida profissional. Assim, hoje a escola tenta ensinar aos alunos a aprender, quer dizer, trata de facilitar os processos necessários para que adquiram o conhecimento de maneira mais autônoma e reflexiva.

A educação desde sempre é muito discutida e as dificuldades sempre são as mesmas, porém atualmente vem tendo um olhar em especial por parte dos órgãos competentes, os quais, tentam solucionar e disponibilizam de recursos para que se obtenha um resultado positivo. Contudo, não é fácil a entrada de uma criança na escola, ela sempre terá dificuldades na forma de se expressar, principalmente se no início ela só trabalhou as formas gráficas, de forma em geral, as dificuldades só aumentarão e o desestímulo acontecerá.

O fracasso da escola advém, também, da formação de muitos professores, da falta de visão e compromisso associados ainda, a ausência de conhecimento e dedicação. O processo de alfabetização inclui muitos fatores e os educadores devem estar cientes de como se dá o processo de aquisição do conhecimento de como a criança, por exemplo, se integra socialmente e desenvolve-se emocionalmente, desta forma, o professor terá condições e estará livre para selecionar métodos ou técnicas que busquem adequar melhor a sua turma, mas não esquecendo nunca, que a sensibilidade deve estar acima de qualquer método preestabelecido, uma vez que, demonstrar afetividade nessa faixa etária também é importante para a aprendizagem das crianças. No mais, a alfabetização é o momento mais importante da formação escolar, assim como também foi a escrita para a humanidade.

Sempre ouvimos falar, ou melhor, muito se fala sobre oferecer um espaço de acesso à leitura e escrita na escola, contudo, para muitos, esta ideia é confundida com a finalidade de fazer a criança aprender a ler e a escrever antes do Ensino Fundamental. Com isso, Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos e de como aplicá-los. A preocupação de muitos educadores é justamente buscar o melhor ou o mais eficaz deles na busca de um ensino de qualidade. Muitas das análises apontam que, além da definição de um método, é importante compreendermos como a criança constrói seus conceitos sobre a língua escrita.

Para Magda Soares (1998, p. 39),

[...] letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

Ou seja, para a autora em outras palavras, o Letramento se faz importante, não basta somente aprender a ler e escrever, o indivíduo sem letramento se alfabetiza, porém não adquire competências o suficiente para fazer uso nas diversas práticas sociais.

Nesse sentido, é importante elaborar atividades produtivas, ligadas às experiências culturais e sociais das crianças, isso provoca um efeito positivo nos processos de alfabetização, pois a aquisição da escrita passa a ser compreendida como atividade de expressão, comunicação e registro de experiências.

Como vimos anteriormente, alfabetização e letramento são dois processos distintos, ou seja, cada um tem o seu próprio significado, porém, adquirem uma alfabetização plena. Dessa forma, nós, vivemos hoje num mundo letrado, precisamos aprender essa linguagem nos seus mais diferentes gêneros e continuar a produzir linguagem para compartilharmos significados com outros sujeitos da nossa cultura ou mesmo para elaborarmos a nossa experiência e organizarmos as nossas ideias.

A leitura e escrita são hoje um dos maiores desafios das escolas, visto que quando estimulada de forma criativa, possibilita a redescoberta do prazer de ler, contribui para a utilização da escrita em contextos sociais e a inserção da criança no mundo letrado. Pode-se constatar que, se uma criança vive em uma cultura letrada na qual ela pode vivenciar situações significativas de uso da leitura ou escrita, inicia-se aí o processo de aprendizagem dessa linguagem. Nas interações com o outro, por exemplo, ela pode vivenciar as seguintes experiências: consulta em catálogos para achar endereços, conhecer placas de sinalização, ter contato com jornais e revistas, ver bulas e receitas, ver cartas escritas por alguém e assim por diante, com certeza ela estará de alguma forma se apropriando dos usos e funções de cada gênero textual, das semelhanças e diferenças.

Um outro aspecto que devemos levar em consideração quando falamos sobre a educação infantil, é que nenhum adulto tem o poder de deter o conhecimento das crianças. Alguns educadores tem receio de ensinar práticas de alfabetização ou letramento por julgarem não ser a hora certa, porém nada pode garantir que a pessoa não aprenda por si. Nesse contexto há inúmeras práticas que nos servem de exemplo.

Segundo o que consta no RCNEI (BRASIL, 1998, p.17),

a educação infantil ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

Sendo assim, antes de aprender a ler e a escrever a criança utiliza conhecimento sobre a escrita e a leitura na vida cotidiana, derivadas do convívio na sociedade letrada.

Com base na perspectiva construtivista, que tem como base os ensinamentos de Piaget, a criança, desde pequena, começa a desenvolver a escrita, um exemplo disso são as garatujas, tentativas de escrita que não devem ser concebidas pelo professor como simples rabiscos porque nelas há um processo de construção pessoal (Apud TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 02).

Após as garatujas, com o estímulo e a ajuda do professor, as crianças vão se desenvolvendo e avançando na escrita, passando por diferentes níveis até chegar à escrita alfabética. Emília Ferreiro e Ana Teberosky, identificaram na pesquisa que deu origem ao livro *Psicogênese da Língua Escrita* (1999) cinco níveis pelos quais a criança passa até chegar à escrita alfabética: pré-silábico I; pré-silábico II; silábico; silábico-alfabético e alfabético).

Ao pesquisar como se dá o processo de reconstrução pelas crianças desse sistema de representação da língua escrita, Emília Ferreiro e colaboradores concluíram que, quando elas têm acesso a práticas de leituras e escrita no seu contexto, descobrem sobre linguagem antes de aprenderem sobre o sistema de representação dessa língua, elas vão construindo hipóteses próprias sobre o que a escrita representa para elas e buscam tentar compreender o nosso sistema alfabético de escrita.

Quando a criança ainda não percebe que existe uma relação entre a escrita e a fala, as crianças tentam, por exemplo, estabelecer a relação entre a escrita e o tamanho do objeto citado, exemplo: utiliza muitas letras para escrever a palavra carro, por que é um transporte grande e poucas letras para escrever a palavra bicicleta, por que é um meio de transporte menor. As crianças costumam também, utilizar apenas as letras do seu nome, invertendo somente a ordem para escrever coisas diferentes, criam enfim, uma série de outras hipóteses tentando compreender o que significa a escrita para o adulto.

Esses níveis pré-silábico I, pré-silábico II, silábico, silábico-alfabético e alfabético, todo professor da Educação Infantil tem por obrigação distingui-los para poder identificá-los nas sondagens iniciais, bimestrais ou semestrais das escolas. Contudo, após a identificação e a conclusão final de que a criança já alcançou o estágio mais alto dos níveis que é o alfabético, a preocupação começa a surgir quando a criança não desperta o gosto pela leitura. Produzir bons leitores é um desafio para todas as escolas do mundo, do ensino fundamental às universidades, professores reclamam que, a maioria dos alunos leem mal e não sabem interpretar textos, uma vez que, o objetivo principal da leitura é a compreensão.

De acordo com Carvalho, autora do livro *Guia prático do alfabetizador* (p. 11),

O bom leitor não se faz por acaso [...] Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita.

A exploração dos textos pode ser trabalhada de diversas formas, coletivamente ou em grupos. Algumas sugestões didáticas que Carvalho descreve em seu livro Guia prático do alfabetizador (p. 18) são importantes para o processo de aprendizagem da criança.

- Analisar os diversos usos da escrita na vida cotidiana;
- Descobrir que letras e números são diferentes;
- Comparar a grande variedade de tipos de letras existentes (cursivas e de imprensa, maiúsculas e minúsculas etc...);
- Descobrir que mesmo sem saber ler já se sabem algumas coisas úteis sobre a escrita;
- Provocar o desejo de saber mais;
- Levar ao aluno as seguintes comparações: há nomes com poucas letras e há nomes com muitas letras; nomes que terminam pela mesma letra e nomes iguais; nomes que contem o mesmo número de letras e etc...

Portanto, é importante que a criança não apenas codifique e decodifique letras, o leitor deve ter papel ativo e não apenas de ser receptor. Para formar crianças, jovens ou adultos letrados e não apenas alfabetizados, o repertório e as situações de leitura precisam ser ampliadas com textos que circulem no dia a dia e de caráter social, a exemplo de jornais, bulas, contas de luz, de água, revistas, panfletos e entre outros.

Considerada uma sugestão eficaz que leva a criança a despertar o interesse pela escrita, por exemplo, é trabalhar com a oralidade e em seguida utilizar um texto, escrevê-lo e após pedir para que ela acompanhe a leitura que será feita. Desse texto, é possível retirar palavras e colocá-las em amostra na medida em que se trabalha a oralidade junto com a escrita, que logo virá o efeito da compreensão.

Esse tipo de atividade, pode ser realizada com diferentes gêneros, o importante é que a criança aprenda a codificar e decodificar com compreensão. O objetivo é mostrar aos alunos que a cada vez que se pronuncia uma palavra do texto (som), aparece uma palavra escrita (grafia). Outras formas de trabalhar a escrita é explorar as letras iniciais e finais das palavras, assim como também, trabalhar com rimas, com palavras de mais de um significado e etc. Essa ideia de alfabetizar com base em textos, sempre foi bem defendida.

Por volta do século XX, o educador francês Celestin Freinet, criou e divulgou esse método conhecido também, como método natural de Freinet. Segundo o autor, os professores sempre usavam desenhos para ilustrar frases, o que facilitaria a

memorização dos respectivos significados. Sendo assim, a partir do texto, chegava-se à análise das frases, das palavras, sílabas e por fim, as letras.

Quem nunca alfabetizou dessa maneira, é compreensível o medo e a preocupação se vai dar certo. No entanto, a aprendizagem através dos textos é motivadora, pois dar a impressão que se caminha mais rápido para a compreensão do que está escrito. Hoje, pouco a pouco, muitas coisas passam a ser mais bem compreendidas. Por exemplo, os métodos de alfabetização tradicionais enfatizam atividades voltadas exclusivamente para o domínio de habilidades perceptivas, motoras e treino de cópias, por isso inovar as práticas e trabalhar com textos podem parecer difícil, pois muitos já estão acostumados com o tradicional e ao serem submetidas aos treinos de cópias, muitas crianças viram somente copistas ou decifradoras de textos e quando alguém pede para que leiam ou façam alguma palavra nova, muitas de imediato se recusam dizendo não saber, conseqüentemente esse “não saber” advém das práticas de palavras repetitivas e muitas vezes, sem significação alguma dentro do contexto.

2 INCENTIVO À LEITURA NA EI

É nos primeiros anos de vida que se deve incentivar a paixão pelos livros. Crianças pequenas adoram ouvir histórias, ainda mais se elas forem contadas de forma animada e divertida. Os livros nessa fase devem ser bem ilustrados, de preferência com gravuras que façam parte do mundo infantil. A ilustração por sua vez, é muito importante, ela é o primeiro convite para o livro. Por meio dela, as crianças começam a aprender algumas palavras e associar as figuras a determinados objetos.

O contato cotidiano com os livros é de suma importância para o desenvolvimento do hábito de ler e do gosto pela leitura. A vontade de ler, o prazer pela a leitura não acontecem repentinamente, é um longo percurso que vai se aprimorando aos poucos. Nas escolas de Educação Infantil, ou melhor, nas creches, ainda é um pouco raro, por exemplo, encontrar crianças com menos de 3 anos ouvindo histórias, assim como também, crianças de 4 ou 5 anos ouvindo-as com frequência na pré-escola. Em grande parte, existe uma resistência e falta de conhecimento de muitos profissionais, em achar que a criança não compreende o que está ouvindo, um mero engano, diga-se de passagem.

O educador precisa estar muito bem preparado e consciente do seu papel de alfabetizador dentro da sociedade, pois é preciso fazer com que a criança entre em contato com o mundo das letras e prepará-lo para o descobrimento de um mundo diferente, ou pelo menos que o incentive a descobrir o mundo com a mesma curiosidade que se deve ter sempre. Se o hábito de leitura for cultivado desde cedo, a leitura pode ser uma excelente maneira de trabalhar o vocabulário, a imaginação,

a criatividade, a escrita e a sensibilidade, ou seja, mais do que um prazer, ela também é fonte de aprendizado e conhecimento.

As Rodas de leitura na escola, por exemplo, é uma excelente ideia, pois criam uma rede de leitores criada pelo o hábito da troca de livros, e mais, a organização acolhedora do ambiente da sala, a opção de escolha dos locais onde se quer ler, a escolha do próprio livro, enfim, são condições que faz com que a criança se sinta capaz e autônoma, assim como também, de ler em diferentes posições, deitado, sentado, em pé...são opções que eles deveriam escolher, por isso, há os chamados “Cantinhos de leitura”.

A leitura por sua vez, é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo exterior. Além de ampliar e aprimorar o vocabulário ela contribui para o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo, pois possibilita o contato com diferentes ideias e experiências. O uso da literatura infantil possui um caráter lúdico que mexe com o imaginário da criança, despertando também, o gosto pela leitura. Porém, é válido lembrar, que uma simples contação de histórias requer um bom planejamento iniciando pela escolha do livro.

Segundo Cassiano (apud. Coelho (1986, p.16),

Para os pré-escolares, as histórias devem ter enredos simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue “viver” os enredos e sentir-se no “lugar” em que os episódios narrados ocorrem.

O que o educador precisa, é fazer com que a criança em determinados momentos, brinque de ler. É possível citar como uma boa prática de leitura, a distribuição de pequenos textos para manuseio e em seguida pedir para que as crianças contem a história de sua maneira podendo até, recriá-las. Os textos podem ser dos mais diversos, o importante é que desperte nela, o gosto para aprender a ler e a escrever, são essas as capacidades essenciais para a alfabetização, compreender que existe uma relação entre as letras e os sons da fala, o que inicialmente não é fácil para nenhuma criança.

Hoje em dia, infelizmente, a televisão, o computador, a internet e os jogos eletrônicos, estão tendo um grande espaço na vida das crianças e sem dúvidas, tem sido o passatempo preferido delas. Não é à toa que vemos tantos jovens escrevendo mal, se expressando mal e tendo dificuldades em redigir redações e interpretar textos, isso tudo por que possuem pouco senso crítico diante das poucas informações que recebem. A raiz do problema com certeza esta na falta do hábito da leitura, enfim, é preciso incentivar tanto em casa, e principalmente na escola.

Como em todas as outras áreas da vida, o exemplo dos pais também conta muito quando o assunto é leitura. Crianças que tem pais que leem bastante e se mostram interessados pela a atividade, tem muito mais chance de se interessarem pela a prática da leitura na escola. Cada história, é uma descoberta junto com as

crianças, é um prazer que está escondido no mundo da literatura infantil. Ao brincar com as diferentes histórias, a criança se educa e aprende, pois quem não sabe inventar conseqüentemente não saberá construir.

Na educação infantil, as crianças precisam participar e se envolver com atividades que enriqueçam o seu imaginário. No mundo do livro elas criam o conceito do que venha ser bom ou mau, feio ou bonito, defeitos e virtudes, enfim, ela começa a trabalhar suas próprias crenças e a demonstrar seus sentimentos diante de determinadas situações como o medo, a raiva, a frustração, a revolta, a alegria e entre outros.

Isso acontece, porque de alguma forma, ela tende a se identificar com algumas histórias de acordo com o momento em que está vivendo, histórias que falam de amor, rejeição, abandono, competição, diferenças... a criança se coloca no mundo do personagem e acaba encontrando alguns de seus problemas e desejos. É por isso que elas gostam muito desses tipos de histórias, porque veem nelas uma maneira de interpretar o mundo em que vivem.

Por tanto, na educação infantil podemos trabalhar de uma forma prazerosa utilizando a literatura infantil e o lúdico, pois desta forma, a aprendizagem flui com mais desenvoltura e êxito. Como podemos então, oferecer a alfabetização e o letramento para as crianças, utilizando o lúdico e a literatura infantil? Talvez o lúdico, não seja considerado alfabetizador, por as atividades serem comuns de desenhos, jogos e brincadeiras e mesmo podendo ser inseridas dentro do contexto e no espaço educador, muitos professores ainda acham que ao entrar por uma porta a ludicidade, pela outra sai o letramento e alfabetização, ou seja, delimitação total do brincar e pensar.

Segundo o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, p. 23),

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil. Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Conclui-se então, que se a brincadeira é uma ação que ocorre pela a imaginação, isto implica que aquele que brinca tem o domínio da linguagem simbólica e que ao brincar, as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem e mais, a oralidade por sua vez, é bem explorada. Trabalhar com atividades sobre alfabetização e letramento só trazem benefícios aos pequenos. A ludicidade deve ser o ponto de partida para qualquer aprendizagem na Educação Infantil, pois é brincando que eles aprendem.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, ressalta ainda, dois âmbitos de experiências: Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo. Ou seja, não é citado em momento algum, qualquer tipo de preocupação com a língua escrita, de que a criança necessite tão somente saber LER e ESCREVER. Nesse sentido, as características específicas das crianças de 0 a 5 anos, nos indicam que o trabalho em torno da linguagem escrita não deva ser o aspecto a ser privilegiado nas propostas pedagógicas dessa primeira etapa da educação básica e sim, tem prioridade os trabalhos voltados para a construção também, da autonomia da criança.

O professor da Educação Infantil deve trabalhar de uma forma ampla, utilizando um conjunto de códigos e produções simbólicas. As diferentes linguagens favorecem a expressão e a comunicação de sentimentos, emoções e ideias das crianças, propiciando maior interação até mesmo no desenvolvimento das atividades propostas de língua escrita, deixando a mecânica de lado.

Outro aspecto relevante, está escrito na Resolução N° 5, de 17 de Dezembro de 2009 no Art. 9, II e III das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

II – Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

III – Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem ORAL e ESCRITA, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

Já no Art. 11, finaliza o pensamento sobre o ensino de Educação Infantil:

Art. 11. Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.

Portanto, fica bem claro que os maiores objetivos da Educação Infantil não é o desenvolvimento do traço da escrita, até por que terão o ensino fundamental para desenvolver bem. O ensino da língua, permite a comunicação entre as pessoas, e o aprendizado da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para que as crianças ampliem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais já ditas aqui anteriormente.

3 LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A palavra letramento, talvez ainda seja muito nova para muitos, apesar de ter um pouco mais de algumas décadas introduzida na linguagem da educação, contudo, não há dúvidas que sempre fez parte da vida de todos inserida nas práticas sociais. Então, podemos dizer que as práticas sociais de letramento não excluem, por exemplo, uma criança que não sabe ler ou escrever como alguém sem letramento, uma vez que, ela já leva para a escola suas experiências.

É fundamental conhecer as condições de letramento em que vivem as crianças e suas famílias, seria viável utilizar esse conhecimento como ponto de partida para ser ampliado na educação infantil. Dessa maneira, as ações pedagógicas relacionadas a linguagem escrita e práticas de letramento, deveriam ser consideradas e levadas em conta na organização do trabalho diário e nos planejamentos mensais ou anuais das instituições de educação infantil. Por que mesmo as crianças de pouco mais de 2 anos, quando participam com frequência de práticas de letramento em casa e na educação infantil, já tem uma boa ideia de como se comportar ao ler ou ao escrever, tanto é, que ao dar papel e lápis ela já começa a rabiscar e fazer uma pseudo leitura do que foi escrito por ela.

O professor que trabalha diariamente com a criança, deve ficar atento as suas necessidades, deve interagir com elas, pensar em atividades para serem desenvolvidas juntos, dedicar-se totalmente a cuidar delas, enfim, é repensar sempre às suas práticas pedagógicas e nunca esquecer, do significado que tem a palavra “infância”, pois as descobertas cotidianas são frutos da ação-interação delas, com o seu meio e com as pessoas em que vive.

As brincadeiras de faz-de-conta e as cantigas de rodas, por exemplo, são práticas letradas, pois possuem narrativas e tem histórias contadas o que serve como instrumentos valiosos na construção da criança. Outra importante prática de letramento é a importância da ilustração nas atividades de leitura, as imagens, os desenhos são uma forma da criança, poder compreender e demonstrar as suas emoções. Através de uma boa história, a criança tem a possibilidade de compreender o mundo a sua volta, assim como afirma Cassiano (apud. Bettelheim (1980, p. 13)

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para problemas que a perturbam.

Porém, muitos educadores preservam demais os livros, pois temem que as crianças os rasguem, privando-os de momentos significativos de aprendizagem. Ao alfabetizar a criança letrando, o aluno deve sentir-se à vontade para explorar os materiais escritos, folhear com calma e vontade. O professor como sempre, deve despertar esse interesse proporcionando momentos de interação. Cabe ao professor

também, fazer leituras em voz alta para que a compreensão chegue ao alcance de todos, para que os alunos recontem as histórias e percebam as diferenças entre a língua falada e escrita.

As habilidades de leitura e produção de textos envolvem o conhecimento que compõem os textos escritos, os seus estilos a identificação do autor, a finalidade do texto e entre outros. É preciso prática e orientação adequada para desenvolver uma postura de leitor crítico ou melhor dizendo, de um pseudo leitor, no caso das crianças. O letramento, as práticas de leitura e escrita em sala de aula se concretizam de diferentes maneiras, entre as quais é a leitura e a discussão com as crianças que propõe situações de aprendizagem que torna o texto como objeto de ensino.

Os professores devem ter conhecimento das habilidades já desenvolvidas por seus alunos por meio de uma avaliação diagnóstica para traçar as metas de aprendizagem para a turma. Cada professor deveria refletir algumas perguntas diante das práticas pedagógicas: O que foi observado ao ouvir a história recontada pela a criança? O que foi percebido ao pedir que as crianças a sua maneira fizessem uma lista de palavras? Essas perguntas entre outras, serviria para tentamos compreender as hipóteses que as crianças usam.

Cabe salientar, que não é preciso esperar que as crianças escrevam convencionalmente para realizar atividades que visem desenvolver habilidades. Neste caso, podem ser pensadas diferentes estratégias como: o professor exercer o papel de escriba, produzir textos coletivos, estimular a produção de escrita espontânea, agrupar as crianças de acordo com a diversidade da turma e etc.

Todo professor, sem dúvidas já teve oportunidade de observar muitas crianças “lendo” sem saber decodificar. Isso acontece, quando uma criança pega, por exemplo, um livro que o próprio professor já leu ou que os pais em casa já leram e então, elas tentam reproduzir da forma como ela ouviu e ainda organizam as suas falas, usando: era uma vez, num belo dia, viveram felizes para sempre e entre outros. Outro exemplo, é quando as crianças brincam de casinha e vão fazer um bolo, elas simplesmente pegam uma folha qualquer e fingem ler uma receita. Assim,

[...] a utilização das múltiplas linguagens, como a fala, os gestos, os desenhos, as brincadeiras de faz-de –conta antecedem e contribuem para que elas compreendam que as marcas gráficas da linguagem escrita também produzem significados. Na continuidade desse processo, a aprendizagem da linguagem escrita pressupõe ainda a interação entre sujeitos de uma cultura letrada e, diferentemente da linguagem oral, requer uma ação intencional e, muitas vezes planejada. (coleção Proinfantil, módulo IV, unidade 6, p. 33).

Por tanto, talvez tenha sido em função disso, que a escola ganhou o papel de ensinar a linguagem escrita, mas que hoje, também tem a possibilidade de repensar as diversas práticas além da escrita, na educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo o que já foi exposto, é preocupante a maneira de como os educadores estão lecionando nas turmas de educação infantil e de como se preocupam em nivelar as atividades direcionadas, ou seja, a grande maioria dos professores trabalham para um único público e esquecem que nenhuma sala é homogênea. Crianças possuem comportamentos diferentes, pensamentos diferentes e maturidade diferentes, sendo assim, é válido ressaltar que o nível de aprendizagem também é diferente. As crianças aprendem entre si e através da interação com o outro, por isso as práticas de letramento são essenciais para o desenvolvimento das habilidades e da língua escrita, uma vez que, letramento é o estado de quem não apenas sabe ler, mas que cultiva práticas sociais que usam a escrita.

É preciso enfatizar também, que o mais importante do que aquilo que se pode observar em rabiscos feitos no papel, são as falas das crianças, as suas observações. A oralidade é a forma de expressão que a criança encontra para dizer o que sente, o que quer, por isso é fundamental que elas possam reformular suas hipóteses e fazer correspondências entre a palavra falada e a sua grafia, pois ninguém desaprende o que foi construído e ao perceber a dificuldade que a criança tem, o professor tem o papel fundamental de que é, as fazer pensar.

Neste artigo, também vimos que através de um ambiente lúdico e alfabetizador as crianças da educação infantil podem aprender com entusiasmo e que o principal objetivo desta pesquisa, foi mostrar que na educação infantil o professor tem por obrigação oferecer práticas de alfabetização e letramento indissociáveis, uma vez que, se trabalhado de uma forma dissociada pode ser prejudicial à aquisição da visão do mundo escrito para a criança.

Foi enfatizado também, que é preciso que na sala de aula o professor desenvolva diferentes estratégias de leitura, principalmente envolvendo a literatura, pois se torna uma forma divertida de envolver a criança e que trás em si uma essência lúdica que transforma tudo em uma brincadeira, respeitando assim, o direito da criança de brincar, assim como também, o de aprender e a refletir sobre os processos de leitura. É sensato dizer, que é de suma importância compreender a linguagem escrita enquanto objeto histórico-cultural, os seus usos e as suas funções, as diferentes estruturas linguísticas e, assim como também, as práticas sociais de leitura e escrita dentro do contexto social onde as crianças vivem e etc.

A educação ou a aprendizagem, é um espaço de descobertas adquiridos pouco a pouco e através da participação de todos, professores, alunos e família. Costuma-se a ouvir muito pais cobrando da escola que seus filhos aprendam a ler e a escrever, mas não se preocupam em saber se, além disto, elas estão aprendendo a pensar. Não há paliativos como: aulas particulares ou Programas Federais com o intuito de incentivar a criança a ler e a escrever, que as façam compreender, de fato, que é preciso saber interpretar para poder aprender.

Nas famílias que tem melhor condição financeira desde pequenas, as crianças já lidam com um ambiente alfabetizador e conseqüentemente letrado. Muitas crianças ouvem histórias contadas, tem acesso a inúmeros e diferentes rótulos, viajam mais e frequentam lugares variados. Contudo, embora sejam mais restritas, as crianças das famílias de condições financeiras baixa também aprendem a ler e a escrever da mesma forma, no entanto, geralmente é com mais dificuldade por justamente não terem esse ambiente letrado e impulsionador, contudo, ler e escrever é um conhecimento produzido socialmente e todos tem direito e acesso a ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASSIANO, A.A. **O prazer de ler: o incentivo da leitura na educação infantil**. 2009. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <
<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ADRIANA%20APARECIDA%20CASSIANO.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

CARVALHO, M. **Guia prático do alfabetizador**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FERREIRO, E. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEME, M. **Guia teórico do alfabetizador**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LOPES, K.R.; MENDES, R.P.; FARIAS, V.L.B. **PROINFANTIL: Módulo IV**. Brasília: MEC, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CEB 5/2009**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, seção 1, p. 18.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

EBERT, S.L.F.; DOMINGUES, C.L.K. Práticas de Letramento na Educação Infantil. In: II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança, pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológicos. Disponível em: <
http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1405296949_ARQUIVO_PRATICASDELETRAMENTONAEDUCACAONFANTIL.pdf>. Acesso em: 19 maio 2015.